

# MÚSICA E INCLUSÃO: EXPERIÊNCIA DE ENSINO COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Edibergon Varela Bezerra  
UFRN – edbergon@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo de caso realizado no projeto de extensão universitário “Grupo Esperança Viva” promovido pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EMUFRN localizada no campus central - Natal. Desde de 2011, este projeto de extensão vem desenvolvendo um trabalho com o ensino de música para pessoas com deficiência visual, bem como dando oportunidade aos mesmos de se incluírem na sociedade. Como metodologia, foi utilizado o estudo de caso, entrevista semiestruturada e a investigação empírica. Para tanto, foram observados às aulas do grupo com os alunos com deficiência visual e, sendo escolhido 3 alunos entre os demais para a realização de uma entrevista. Como resultado foi possível comprovar que grande parte dos alunos após o ingresso no projeto passaram a sentir-se mais valorizados e dispostos a retomar práticas anteriormente interrompidas como à volta aos estudos no ensino regular, atividades de lazer e a participação em eventos. A música tem como um dos seus objetivos contribuir para a formação humana, proporcionando uma maior interação com o mundo sonoro, ampliando a sensibilidade e abrindo “janelas” de oportunidades para os envolvidos. Seu papel dentro da educação musical especial não difere com relação a outros contextos de ensino, portanto, por meio da música, as pessoas com deficiência visual estão encontrando novos caminhos para a vida, sejam seguindo na área profissional, acadêmica ou como uma atividade extra musical. Com iniciativas iguais a essas, podemos contribuir para o respeito e a melhoria na qualidade de vida das pessoas com deficiência, possibilitando uma inclusão de fato.

**Palavras-chaves:** Educação musical especial. Inclusão social. Deficiência visual.

The present study aims to present a case study on University extension project "Group hope alive" promoted by the Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-EMUFRN located on central campus-Christmas. Since 2011, this extension project has been developing a job with music education for people with visual impairments, as well as giving opportunity to them to include in society. As a methodology, was used the semi-structured interview, case study and the empirical research. To do so, were observed at group lessons with students with visual impairment and, being chosen among the other students 3 to conduct an interview. As a result it was possible to demonstrate that a large number of students after enrollment in the project began to feel more valued and willing to resume practices previously disrupted as around to studies in the regular education, leisure activities and participation in events. Music has as one of its goals to contribute to the human formation, providing greater interaction with the world, enlarging the sound sensitivity and opening "Windows" opportunities for those involved. His role within the special musical education do not differ with respect to other educational contexts, therefore, through music, people with visual disabilities are finding new paths to life, are following in the professional field, academic or as an extra musical activity. With initiatives like these, we can contribute to the respect and the improvement in the quality of life of persons with disabilities, enabling inclusion of fact.

**Keywords:** Special music education. Social inclusion. Visual impairment.

## **Introdução**

Nos últimos anos, encontramos inúmeras instituições de ensino que visam promover a inclusão social de pessoas com deficiência. Entre estas instituições, podemos listar as universidades. Estamos vivenciando várias iniciativas e práticas de inclusão dentro das universidades, seja pela oportunidade de acesso ou por meios dos projetos de extensão desenvolvidas pela as mesmas. Neste caso, iremos tratar especificamente de um projeto de extensão promovido pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EMUFRN, o “Grupo Esperança Viva”. Este projeto de extensão foi criado em 2011 com o objetivo de dar oportunidade as pessoas com deficiência visual de se desenvolverem tanto musicalmente como socialmente.

A partir do conhecimento acerca da existência do Grupo Esperança Viva, surgiu o seguinte questionamento: qual a importância desse projeto de extensão na vida da pessoa com deficiência visual? Como este projeto poderá promover uma inclusão social?

A procura de responder estes questionamentos, foi realizado um estudo de caso no Grupo Esperança Viva e realizada uma entrevista semiestruturada com três dos alunos. Como forma de um maior aprofundamento à temática, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma investigação empírica.

Esta pesquisa pretende trazer reflexões no que tange a inclusão. Para tanto, apresentará uma breve história sobre exclusão social no mundo, bem como trazer um pouco do panorama no que concerne a desigualdade no Brasil e suas implicações para a inclusão social. Também trará as contribuições dos projetos de inclusão social como ONGs, fundações e instituições religiosas que utilizam da música para a promoção da inclusão. E por fim, apresentará o estudo de caso realizado na EMUFRN com o projeto de extensão Grupo Esperança Viva.

## **História da exclusão social**

Antes de falarmos acerca das iniciativas que têm como objetivo promover a inclusão social, abordaremos à temática exclusão social. Situação essa que ainda vivenciamos em todas as partes do mundo. Segundo Estivill (2003, p. 5) a “exclusão e excluídos sempre existiram desde que os homens e as mulheres vivem de forma colectiva e quiseram dar um sentido a esta vida em comunidade.” O autor ainda relata

que “estes modos de exclusão não eram reconhecidos com tal; porém, integravam-se na ordem humana ou religiosa vigente e eram aceites moralmente.” (ESTIVILL, 2003, p. 5).

Essas formas de exclusão, cumpriam funções económicas, sociais, culturais e políticas, porque permitiam redimir, fazendo caridade, os pecados e os vícios, funcionavam como travão e dissuasão em relação a possíveis excessos e comportamentos “desviados” e eram um estímulo diferencial para os que viviam de acordo com as normas e os valores dominantes. “As mulheres, que constituem pelo menos a metade da população, estiveram submetidas a estas circunstâncias.” (ESTIVILL, 2003, p. 5-6). Sendo assim, concluímos que “historicamente para muitos, a condição de exílio, de separação, de ficar à parte, segregados e experimentando sentimentos de rejeição, tenha sido uma característica de suas vidas. (CARVALHO, 2014, p. 47).

Um outro fator que contribuiu para a exclusão entre a população foi a invasão e colonização dos países da Europa nos outros continentes, desta forma, acentuando o processo de exclusão à escala planetária. “Os povos colonizados perdem o poder de decidir sobre o seu próprio destino e, não raro, o direito de viver de acordo com a sua cultura e as suas crenças.” (ESTIVILL, 2003, p. 6).

Mas devemos deixar claro que “a exclusão não surge apenas devido às influências ocidentais, mas também devido às estruturas e normas específicas destas comunidades, cuja transgressão individual e colectiva pode chegar a ser fortemente penalizada.” (ESTIVILL, 2003, p. 15).

Existem inúmeros fatores que foram responsáveis pela exclusão social, pois “a história está repleta de exemplos nos quais, por motivos religiosos, ideológicos, políticos, culturais e étnicos, se originam processos sucessivos de exclusão, cujo objetivo último é o aniquilamento dos outros e o seu genocídio. (ESTIVILL, 2003, p. 14).

Normalmente os que mais sofriam com a exclusão social eram “doentes, loucos, entrevados, órfãos, nómadas, que faziam parte de uma população à deriva que preocupava apenas algumas vozes excepcionais e a filantropia civil e eclesiástica do Velho Continente.” (ESTIVILL, 2003, p. 6). Podemos observar que já se inicia alguma preocupação com relação as minorias da sociedade.

Desta forma, quando nos finais do século XIX, na Alemanha de Bismark, se criaram os primeiros seguros públicos e obrigatórios, que começam a concretizar os

direitos sociais, esta medida transforma-se numa novidade mundial. (ESTIVILL, 2003, p. 6). Também podemos falar das “revoluções do século XVIII e os combates dos séculos XIX e XX, onde se afirmaram os direitos civis, políticos e sociais, os processos de descolonização e a procura de uma sociedade mais igualitária e menos excludente, não foram em vão.” (ESTIVILL, 2003, p. 6). Portanto, depois da II Guerra Mundial. Inicia-se, assim, um novo período, em que o modelo keynesiano do chamado Estado do Bem-estar cobre as principais necessidades e riscos da população dos Estados centrais da Europa. (ESTIVILL, 2003, p. 6).

Embora comprovemos a existência de iniciativas para o favorecimento da inclusão,

o debate centra-se na integração da classe operária neste sistema e a pobreza surge como algo residual, dos que se situam à margem ou dos que não entram totalmente no sistema, como sejam aqueles que vivem em determinados subúrbios das cidades, algumas zonas rurais, imigrantes, diversos coletivos pouco «socializados» e «desviados». (ESTIVILL, 2003, p. 7).

### **Desigualdade no Brasil**

Face à intensa concentração de renda mundial, o Brasil não é um país pobre, mas um país com intensa desigualdade na distribuição de renda, o que acarreta um pequeno número de ricos e um grande percentual de pobres. (ROSEMBERG, 2006, p. 54). No entanto, a má distribuição de renda é apenas um dos fatores responsáveis pela exclusão e desigualdade social. Pois, exclusão e pobreza não são equivalentes. “É possível ser pobre e não excluído e, o contrário, nem todos os excluídos são pobres, embora todas as investigações e trabalhos mostram que existe um vasto círculo onde coincidem os pobres e excluídos.” (ESTIVILL, 2003, p. 20).

A desigualdade social brasileira apresenta forte “associação com cor/raça, região fisiográfica de residência e idade do cidadão: as melhores rendas e os maiores benefícios sociais são apropriados pelos segmentos branco, adulto e residente no Sudeste e Sul.” (ROSEMBERG, 2006, p. 54).

### **Pessoas com deficiência**

As pessoas com deficiência foram umas das mais excluídas na sociedade, rejeitadas, maltratadas e mortas. Podemos observar nos estágios apresentados por Kirk e Gallagher (1996). Segundo o estágios de desenvolvimento das atitudes em relação às PNEs, Kirk e Gallagher (1996), divide em quatro estágios:

No primeiro estágio definido com **Era pré-cristã**, existe uma total negligência, ou seja, ausência total de atendimento as pessoas com deficiência. No segundo estágio classificada de **Era cristã**, passou-se a protegê-los e a se compadecer-se deles; tratamento variável de acordo com as concepções de caridade ou castigo predominantes em cada região Terceiro estágio, ocorrido no **séc. XVIII e XIX**, chamada a fase da institucionalização – segregados e protegidos em instituições para oferecer-lhes uma educação à parte. E por fim no quarto estágio - **Final do séc. XX** (década de 70 em diante): movimentos de integração social. (KIRK E GALLAGHER, 1996).

Segundo Omote (2012, p. 40) “as sociedades humanas vêm-se tornando progressivamente inclusiva desde a antiguidade. Do abandono à própria sorte de bebês nascido imperfeitos até a Educação Inclusiva em construção hoje, foi uma longa caminhada.”

### **Inclusão social**

Neste momento abordaremos a temática inclusão, bem como as iniciativas que procuram promover uma inclusão de fato. Para tanto, primeiramente devemos saber o que é inclusão social.

Segundo Oliveira (2006) “Inclusão social é um o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.” Podemos dizer que inclusão vai mais além, ela está ligada ao bem estar das pessoas, e o ter direitos e condições de oportunidade em equidade as demais pessoas da sociedade. Ser incluído, não significa se sentir incluído.

Segundo Suzart et al. (2009, p. 62) falam da:

**transnacionalização** do território que é a constituição de territórios com a mesma face bizarra do sorridente e famigerado capitalismo, que na versão transnacional imprime seu sorriso uniformizador, obrigando a todos em todos os lugares a copiar sua expressão facial de felicidade, como se de fato essa alcançasse a todos em todos os lugares por onde passa. Na verdade, o que acontece é que os povos dos diversos território que têm tal ilusão assustam-se ao quando se deparam a imagem refletida em seus espelhos históricos, que mostram que a verdadeira imagem construída com a transnacionalização é a face da miséria e da dor e da inevitável exclusão social. (SUZART et al. 2009, p. 62, grifo nosso)

A inclusão está diretamente ligada ao lugar que as pessoas vivem, portanto, “o que caracteriza o lugar são as suas relações cotidianas regidas sob a ótica da

convivência de grupos humanos agregados a partir do sentimento de pertencimento de todos os sujeitos envolvidos na trama daquele tempo-espaço em devir.” ( ).

Trazendo outro questionamento para refletirmos. Quem precisa da inclusão social?

Todas as pessoas que sofrem preconceitos e discriminação como pessoas com vulnerabilidade econômica, moradores de rua, viciados, ex-presidiários, pessoas com deficiência, idosos abandonados e pessoas que sofrem preconceitos regionalista. Estes foram apenas alguns exemplos. Um outro exemplo que com relação ao racismo, pois segundo Alves (2010, p. 6-7) “o racismo é então uma violência cultural, a-histórica, tão natural à vítima quanto ao seu algoz, em suma, um “assunto de cor”.”

### **Acesso das pessoas com deficiência**

Um dilema com relação ao acesso das pessoas com deficiência aos diversos setores da sociedade está ligada a duas hipótese. Na primeira hipótese, Omote (2012, p. 40) fala que “o deficiente, ou o diferente não precisa demonstrar competência para ter acesso; a sua condição garante-lhe o acesso.” Pode ser uma solução para os casos em que a negação ou a restrição do acesso decorre de barreiras psicossociais, entretanto, nem sempre a acessibilidade pode ser assegurada mediante a remoção de barreiras legais e as de natureza psicossociais.

O autor também apresenta outros casos, “o problema da acessibilidade restrita pode ser decorrente de outro problema, o de aproveitamento restrito da oportunidade tornada acessível.” (OMOTE, 2012, p. 40). Exemplo: utilização das quota de vagas de trabalho para deficientes ou de vaga em universidade públicas para estudante negros ou ingressos da rede pública.

Na segunda hipótese, isto é, “a de tornar irrestrita a oportunidade de acesso, a exigência de competência necessária para o acesso é mantida igual a todos, porém devem ser criadas as condições adequadas para atender as necessidades e dificuldades particulares do deficiente e de outras minorias.” (OMOTE, 2012, p. 43).

Entre as duas hipóteses, vemos um maior direcionamento das atitudes da sociedade para a segundo hipótese. Pois, em alguns casos as deficiências não são responsáveis pelo o fracasso das pessoas, mas a oportunidade de acesso e as condições dadas a elas.

### **Música e inclusão**

A música é um grande aliado a inclusão social, portanto, iremos falar especificamente do trabalho realizado com a música dentro de projetos sociais e instituições de ensino.

Os projetos sociais geralmente são pensados e propostos para solucionar um problema ou uma necessidade social e seus objetivos são definidos em função de “um problema, oportunidade ou interesse de uma pessoa, grupo ou organização”. (SOUSA, 2014, apud MAXIMINIANO, 1997, p. 20).

Uma pergunta que podemos fazer é, quem são as pessoas atendidas pelos projetos sociais? “Os projetos sociais são destinados as pessoas que são excluídas ou “menos visíveis” para a sociedade, como pessoas idosas, jovens, crianças, mulheres, negros, integrantes da comunidade LGBT, trazendo as questões de gênero, raça, geração, entre outras.” (SOUSA, 2014, p. 20). A autora também diz que “a música em projetos sociais produz uma educação musical que deveria ter o objetivo de conscientizar e contribuir para transformar a realidade.” (SOUSA, 2014, p. 20)

Tratando de educação musical, “o termo inclusão, de uma forma holística, pode significar “música para todos”.” (SOUSA, 2014, p. 18). A inclusão no campo da educação musical pode ainda considerar que o motivo para aprender pode ter mais importância do que habilidades ou competências a serem adquiridas. “Incluir significa considerar as diferentes experiências das pessoas com música, aceitando que os sentidos dessas experiências dependem de como elas são vividas.” (SOUSA, 2014, p. 18-19).

A educação musical voltada para o trabalho social não coloca a música em si mesma no centro de suas atenções, mas, ao contrário, parte dos sujeitos em suas condições pessoais e sociais, sobretudo quando eles têm problemas ou estão em situação de risco. (SOUSA, 2014 apud WICKEL, 1998, p. 10).

### **Grupo Esperança Viva**

O Grupo Esperança Viva é um projeto de extensão voltado para o ensino de música para pessoas com deficiência visual. Teve seu início em setembro de 2011, a princípio com o nome “Curso de Flauta Doce para pessoas com Deficiência Visual”. Este projeto de extensão foi uma iniciativa da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EMUFRN e desde então vem sendo reeditado anualmente. Está sob a coordenação da professora Catarina Shin Lima de Souza <sup>1</sup>e tem como proposta atuar em três frentes de trabalho:

---

<sup>1</sup> Catarina shin

1ª Dar oportunidade às pessoas com deficiência visual de estudar e se desenvolver musicalmente em uma instituição especializada de música e, assim, munil-os de ferramentas necessárias para usufruir de todos os benefícios que a música pode proporcionar bem como para que eles possam concorrer às vagas dos cursos regulares da EMUFRN cujo acesso exige um teste de habilidade específica;

2ª Constituir mais um espaço de formação para os alunos dos cursos de graduação com a possibilidade de atuação e vivências práticas de ensino de música para pessoas com deficiência visual;

3ª Desmistificar alguns preconceitos em relação ao fazer artístico/musical das pessoas com deficiência.

A sugestão do nome “Esperança Viva” partiu de um dos alunos argumentando que o curso proporcionou mais alegria e esperança a todos. Não uma esperança morta, mas uma esperança viva de algo bom que já está acontecendo, mas que também se projeta para o futuro.

Por meio das apresentações o grupo espera sensibilizar e conscientizar o público de que as pessoas com deficiência visual são tão capazes de um fazer artístico de qualidade quanto qualquer outra pessoa, bastando apenas acreditar no potencial que cada um carrega dentro de si.

Atualmente o grupo é composto por 16 alunos com deficiência visual, os mesmos tem idades bem variadas e os mais diversos objetivos com relação a sua participação no grupo.

## **Metodologia**

Para aprofundarmos melhor dentro do grupo, foi utilizado um estudo de caso, método de pesquisa esse que de acordo com André (1984, citando NISBET e WATT, 1978), se desenvolve em três fases: a fase exploratória, a fase de coletas de dados e a fase de análise sistemática dos dados. Estas três fases são pontos importantes na corroboração do sucesso da pesquisa.

Para auxiliar o estudo de caso foi realizado uma entrevista semiestruturada com dois participantes do Grupo Esperança Viva, pois “[...] a interação humana permeia toda e qualquer entrevista, ficando evidentes as expectativas, os sentimentos, as preocupações dos atores envolvidos”. (ELLIOT; HILDENBRAND; BERENGER, 2012, p. 151).

## **Entrevista com os alunos**

Para a entrevista, foi selecionado três alunos do projeto, onde iremos nomeá-los de João, Pedro e Maria. Durante a entrevista foi realizada três questões: O que esperavam do projeto? Quais as transformações que o projeto vem proporcionando? E o que o projeto significa hoje para sua vida?

Em relação a primeira pergunta, João respondeu que imaginava um projeto igual a outros: “[...] *pensei que o projeto iria acabar em pouco tempo. Da mesma forma que acontece em outros projetos que funcionam por três meses e acaba.*” Portanto, quando João percebeu que o projeto iria continuar após os três meses que ele imaginava, suas expectativas aumentaram.

Pedro disse que: “[...] *entrei no projeto para poder me distrair, pois tinha perdido uma das pernas e estava bem abatido.*” Neste sentido, podemos observar que o objetivo da entrada de Pedro no projeto se resumia a um momento de terapia, para a melhoria da autoestima.

Maria relata que não imaginava que pudesse tocar, mas entrou no grupo por curiosidade: “[...] *alguns amigos entraram no grupo, aí eu resolvi entrar.*” Assim, podemos observar que muitos das falas dos entrevistados apresentam o sentimento de negação e de incapacidade.

Na pergunta dois, os alunos sentiram-se a vontade para responder. João diz que: “[...] *depois que entrei no projeto, passei a vivenciar situações boas, coisas que achei não poder mais fazer como andar de cavalo, nadar e tocar um instrumento.*”

A resposta de Pedro é coerente com a de João quando relata que: “[...] *a experiência está sendo muito boa, estou tocando flauta, canto e viajando com o grupo para inúmeros lugares. A cada momento sinto que minha vida está melhor, aprendi até esperanças a partir desse grupo.*”

Maria compartilha que: “[...] *antes de entrar no projeto perguntei ao professor se uma pessoa com 55 anos e com deficiência visual poderia tocar flauta. Com a resposta motivadora dele, entrei no grupo, e hoje percebo que aquele sonho se tornou realidade.*”

Por fim, com relação a terceira pergunta, João diz que: “[...] *não consigo viver sem esse projeto, esse projeto faz parte da minha vida, da minha rotina. Já disse a minha família que não marque nenhum compromisso para a segunda, pois é do esperança viva. Outra coisa boa que vejo neste grupo é o prazer de poder me apresentar em vários lugares e as pessoas nos reconhecerem como pessoas importantes.*”

Pedro fala que: “[...] eu sempre quis entrar em um projeto desse tipo, mas não tinha oportunidades, e com ele, passei a me sentir mais valorizado e de bem com a vida, espero a semana toda para chegar no projeto. Com esse projeto passei a conhecer muitos instrumentos musicais e pessoas boas.”

Para Maria o sucesso desse projeto está na forma que professores e monitores atuam: “[...] este projeto pra mim é como uma segunda casa, as pessoas me dão carinho e sei que são sinceras. Espero que continue por muito e muito tempo.”

Foi presenciada na fala dos entrevistados o quanto houve uma melhoria de vida a partir do ingresso no projeto, onde o mesmo tem possibilitado que os participantes se desenvolvam tanto musicalmente quanto socialmente.

## **Conclusão**

A oportunidade de acesso as pessoas com deficiência aos diversos setores da sociedade vem crescendo a cada momento. Portanto, é preciso da meios para elas se desenvolverem, com isso, possam se sentirem incluídas de fato na sociedade. A música vem desenvolvendo um papel relevante para a promoção dessa inclusão das pessoas com deficiência.

Assim, espera-se que iniciativas iguais a do Grupo Esperança Viva sejam realizadas em outros lugares e com outros públicos. Para tanto, é preciso que os gestores e instituições deem oportunidade de acesso as pessoas com deficiência, adequando os materiais, quebrando as barreiras atitudinais e arquitetônicas.

## **Referências**

ESTIVILL, Jordi. **Panorama da luta contra a exclusão social: conceitos e estratégias** Genebra, Bureau Internacional do Trabalho, Programa Estratégias e Técnicas contra a Exclusão Social e a Pobreza, 2003

KIRK, S. A. e GALLAGHER, J. J. **Educação da criança excepcional**. São Paulo: Martins Fontes.

OLIVEIRA, Eliale Sudario. **Inclusão social através da música**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2003.

OMOTE, Sadao. **Inclusão escolar e social: a ética entre o estigma e a inclusão**. Natal, RN. UNESP, 2012. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; PIRES, José (Orgs.). **Inclusão escolar e social: novos contextos, novos aportes**. Natal, RN: EDUFRN. 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Criança pequena e desigualdade social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUSA, Jusamara. **Música em projetos sociais**: a perspectiva da sociologia da educação musical. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. In: SOUSA, Jusamara et al. *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.